



Sementes de Esperança

Folha de Oração em Comunhão com a Igreja que Sofre



Fevereiro 2022

Intenção de Oração do Santo Padre



EVANGELIZAÇÃO

Fevereiro: Pelas religiosas e consagradas

Rezemos pelas religiosas e consagradas, agradecendo-lhes a sua missão e a sua coragem, para que continuem a encontrar novas respostas diante dos desafios do nosso tempo.

A oração é um dos pilares fundamentais da nossa missão. Sem a força que nos vem de Deus, não seríamos capazes de ajudar os Cristãos que sofrem por causa da sua fé.

Para ajudar estes Cristãos perseguidos e necessitados criámos uma grande corrente de oração e distribuámos gratuitamente esta Folha de Oração, precisamente porque queremos que este movimento de oração seja cada vez maior.

Por favor, ajude-nos a divulgá-la na sua paróquia, nos grupos de oração, pelos amigos e vizinhos. Não deite fora esta Folha de Oração. Depois de a ler, partilhe-a com alguém ou coloque-a na sua paróquia.

SEMENTES DE ESPERANÇA - Folha de Oração em Comunhão com a Igreja que Sofre

PROPRIEDADE Fundação AIS
DIRECTORA Catarina Martins de Bettencourt
REDACÇÃO E EDIÇÃO Pe. José Jacinto Ferreira de Farias, scj,
Alexandra Ferreira
FONTE L'Église dans le monde - AIS França
FOTOS © ACN; © DR

CAPA Nossa Senhora de Lourdes
PERIODICIDADE 11 edições anuais
IMPRESSÃO Gráfica Artipol
PAGINAÇÃO JSDesign
DEPÓSITO LEGAL 352561
ISSN 12, 2182-3928

A Ferida do Coração

O Papa Francisco afirmou recentemente que o homem de hoje se esqueceu de Deus e esta é uma das razões, se não mesmo a mais importante, que explica o mal-estar cultural do nosso tempo. Não se trata, porém, dum esquecimento metafísico de Deus, tomando esta palavra como evocação dum princípio de tipo matemático que estrutura a ordem do universo, e que é admitido por todos os que professam uma visão teísta do mundo, como o Comandante duma Unidade que servi como capelão nos meus tempos do serviço militar. A mim preocupa-me particularmente quando, por “homem de hoje”, eu penso concretamente nos Católicos, que têm sempre em maior número deixado de praticar, ou seja, de frequentar os sacramentos, sobretudo a confissão e a eucaristia dominical. Neste sentido, embora não se deva generalizar, o católico de hoje sofre duma anemia espiritual, porque procura satisfazer as suas necessidades, mas

descuida-se de responder ao desejo mais profundo que o habita, um desejo de ser, de expandir todas as suas capacidades, de ser feliz. Mas a felicidade, em última instância, não se consegue resolvendo ou satisfazendo as necessidades, sejam elas quais forem, mas sim pela fidelidade ao desejo que habita no mais profundo do ser humano, que os teólogos medievais diziam ser o “desejo natural de ver a Deus”.

O homem tem no fundo do seu ser uma “ferida aberta” que só é curada quando se encontra com o objecto do seu desejo mais profundo, o mistério de Deus, o “sem nome”, o objecto de todos os desejos, como defende J. Lacan. O Concílio Vaticano II declara que a Igreja é como que o sacramento ou sinal da salvação; os sacramentos são momentos do encontro com Deus, um encontro verdadeiro, real, que a maior parte dos católicos contemporâneos desperdiça. O jovem Carlo Acutis, recentemente

beatificado, dizia “se queres estar no Céu entra numa igreja e vai junto ao sacrário, onde está Jesus escondido”, como diziam os Pastorinhos de Fátima. Mais ainda, “se estás na graça de Deus, o Céu está no mais profundo do teu ser, no teu coração, que, pela graça, se transforma na morada da Santíssima Trindade”: “Se alguém me tem amor, há-de guardar a minha palavra; e o meu Pai o amará, e Nós viremos a ele e nele faremos morada.” (Jo 14,23).

Que o homem actual se tenha esquecido de Deus, é um problema real, como reconhece o Papa Francisco; mas que os Católicos, na sua maioria, tenham esmorecido na sua fé, se preocupem mais em satisfazer as suas necessidades e não cuidem da ferida aberta que têm no seu coração provocada pelo desejo de ver a Deus, essa é verdadeiramente uma tragédia para a humanidade, porque se a Igreja, se os Católicos arrefecem na vivência da sua fé, o mundo morre de frio.

Numa carta a Santo Inácio de Loyola, escrita do Japão, S. Francisco Xavier narra o encontro com um nobre japonês, e a sua admiração pelo facto de Francisco Xavier ter feito uma viagem tão longa e cheia de tantos perigos, desde a Europa até ao Japão apenas para lhe dizer, a ele, japonês, que “era amado por Deus”. “Não tens mais nada para me dizer?”, perguntava-lhe. “Não, não tenho”, foi a resposta do santo. Acreditar que somos amados de Deus e sermos capazes de reconhecer sinais do seu amor na nossa vida, era tudo o que Francisco Xavier tinha para lhe dizer. É o “solo Dios basta” da Santa Teresa de Ávila.

Pe. José Jacinto Ferreira de Farias, scj
Assistente Espiritual da Fundação AIS

Superfície:1.030.700 km²**População:**

4,8 milhões

Religiões

Muçulmanos: 99,3%

Cristãos: 0,2%

Outras: 0,5%

LínguaÁrabe (of.), pulaar,
soninké e wolof

MAURITÂNIA

UM PUNHADO DE CRISTÃOS NO SARA

A Diocese de Nouakchott cobre todo o país. Nesta imensidão, os Cristãos definem-se como minoritários, estrangeiros mas pertencentes à Mauritânia.

A Mauritânia é país mais sariano do mundo. Destino predilecto de aventureiros, como René Caillé, o descobridor de Timbuktu, deixa poucos dos seus visitantes na indiferença. Théodore Monod, o cientista e asceta cristão protestante, chamava-lhe o “verdadeiro Sara”. Na sua espiritualidade, a Mauritânia vive também a conversão radical ao Catolicismo de Ernest Psichari, autor literário e oficial *méhariste* [da cavalaria de camelos]. Significa que este

território, com uma superfície de mais do dobro da de França para cerca de quatro milhões de habitantes é singular e a sua única diocese, ainda mais.

ADRAR, REGIÃO MAURITANA

Algumas figuras da Igreja marcaram muito os Mauritanos, como o Pe. Guy Daniel, espiritano que, ao chegar como missionário, escolheu seguir o itinerário

Jogo das
“dhama” num
acampamento
de Hodh ech
Chargui.



da caravana de sal, de várias centenas de quilómetros, a pé e de camelo; ou como Jacques Meugniot, beneditino e eremita no deserto mauritano que foi uma versão contemporânea de Charles Foucauld.

A Diocese de Nouakchott é uma Igreja de migrantes. Também se considera uma Igreja local, profundamente ancorada na realidade da sua população 100% muçulmana. Por exemplo, em Kaedi, junto ao rio Senegal, na região do país que pertence ao Sahel. Vieram missionários da Índia há cerca de três anos para retomar a chama dos Espiritanos e assegurar uma presença cristã junto aos jovens através do apoio escolar, da formação em línguas e da educação cívica.

Em Nouakchott, a catedral em forma de tenda moura, marca a paisagem. Acolhe cada domingo centenas de fiéis originários da África subsariana. Recentemente foram necessárias obras para a aumentar. Por vezes sofrem a pressão dos empregadores mauritanos. Alguns são encorajados a escolher nomes próprios muçulmanos ou a cumprir o Ramadão, para se integrarem melhor. Vivem de forma intensa a sua fé

à volta do seu padre, emprestado de uma diocese do vizinho Senegal.

A Mauritânia, até recentemente, só tinha como representantes do clero religiosos prontos a viver a mesma vida que os nómadas que ainda são numerosos. Mas, pouco tempo depois, a Igreja da Mauritânia passou a ter também o seu próprio clero. Um dos padres, o Abade Victor, explica: “É importante para nós abrimo-nos de forma explícita ao ambiente mouro, não numa perspectiva proselitista mas para exprimir a nossa fraternidade, que é uma comunicação do Evangelho através da caridade”. Os padres propõem formações profissionais aos jovens de assuntos importantes como a informática ou a energia solar. As Irmãs de Betânia, indianas, desempenham um papel muito importante nas suas visitas aos presos e na pastoral da catedral de Nouakchott.

Oração

Para que a minoria cristã na Mauritânia se sinta sempre apoiada pela Igreja e se apoie na sua fé em Jesus Cristo, nós Te pedimos Senhor.



Concreção de Makhrougat, conhecida por “rochedo do elefante”, em Tagant.

25 ANOS DE MISSÃO

D. Martin Happe, dos missionários de África (Padres Brancos), Bispo de Nouakchott, acabou de festejar os 25 anos de episcopado. Esta longa presença não tem, aparentemente, sucesso apostólico; apesar da impossibilidade de um anúncio explícito da fé, existe um impacto na sociedade em que a Igreja tem uma parte importante. D. Martin Happe obteve a nomeação por parte de um núncio apostólico junto do Governo da República Islâmica. É um exemplo de esperança para os países vizinhos, vítimas de terrorismo e onde os Cristãos são frequentemente o alvo, enquanto na Mauritânia não lamentamos um ataque terrorista desde 2011!

A questão dos migrantes é particularmente aflitiva. A Igreja acolhe todos os que procuram aventurar-se a apanhar uma piroga para Las Palmas (Canárias, território espanhol). É preciso acolher, escutar, compreender e propor uma alternativa a essa expedição perigosa, encorajando o regresso ao país de origem ou a procura de uma actividade económica local que

permita continuar em África. O Pe. Pachel, espiritano, pároco de Nouadhibou, na costa atlântica, testemunha a extensão deste desastre humanitário. “Eu enterro as vítimas de afogamento que encontramos na costa.” A AIS financiou estruturas de acolhimento a norte de Nouadhibou, em Dakhla e Laayoune (Sara ocidental).

Oração

Para que o diálogo inter-religioso continue e dê frutos de paz, cooperação e harmonia social, nós Te pedimos Senhor.

PE. FLORIAN PACHEL MBABE, PÁROCO DE NOUADHIBOU

A Igreja é o único elemento credível [para os migrantes] porque estas pessoas em busca de uma felicidade ilusória escutam-nos, e não aos governos. A nossa intervenção face a este drama tem uma dimensão fortemente evangélica, uma vez que somos para eles, como Igreja, o rosto misericordioso de Cristo.

FESTA DA APRESENTAÇÃO DO SENHOR

História e Espiritualidade



Até 1969, a antiga festa de 2 de Fevereiro, de origem oriental, tinha no Ocidente o título de **“Purificação da Bem-aventurada Virgem Maria”** e encerrava o ciclo do Natal, quarenta dias após o nascimento de Jesus.

No Oriente bizantino ela concentra-se no mistério da *Hypapante*, isto é, no Encontro do Salvador com aqueles que veio salvar, representados pelas pessoas de Simeão e Ana, segundo as palavras de Lucas 2, 29-32, usadas nos cantos litúrgicos da festa: “Luz para iluminar as nações e glória do teu povo Israel”.

É precisamente de Simeão a prece que se recita nas “Completras”, a oração da Liturgia das Horas rezada antes de dormir: “Agora, Senhor, segundo a vossa palavra, deixareis ir em paz o vosso servo, porque meus olhos viram a salvação que oferecestes a todos os povos, luz para se revelar às nações e glória de Israel, vosso povo”.

É costume os fiéis participarem na procissão comemorativa da entrada de Jesus no templo. No Ocidente, esta procissão substituiu cortejos pagãos de cariz licencioso, sendo inicialmente de carácter penitencial. Mais tarde caracterizou-se pela bênção das velas, levadas acesas na procissão em honra de Cristo.

A tradição deste cortejo levou a que à Apresentação do Senhor se desse também o nome de festa de **Nossa Senhora da Candelária**, ou apenas Candelária, designação que radica na palavra “candeia”, que por sua vez tem origem no latim “candere” (arder), significando vela ou círio.

Na tradição de alguns países, estas velas, depois de benzidas, são levadas para casa e acendidas nos momentos de perigo, durante os temporais e os cataclismos, em sinal da entrega de si, da família e de quanto se possui à protecção divina. Há também o costume de colocar a vela benzida nesta festa entre as mãos do cristão, no leito de morte, para que ilumine os últimos passos do seu caminho rumo à eternidade.

Os fiéis são também sensíveis ao gesto realizado pela Virgem Maria, que a par da apresentação de Jesus se submete ao rito da purificação, segundo o estipulado na Lei de Moisés (cf. Levítico 12, 1-8).

Em algumas Igrejas locais, a valorização de elementos inerentes ao relato evangélico desta festa, como a obediência de José e de Maria à Lei judaica - que os levou a apresentarem o Menino no templo, acompanhado da oferta de duas rolas ou pombinhas, como previa o preceito -, a pobreza dos esposos e a condição virginal de mãe de Jesus sugeriram que se fizesse do dia 2

de Fevereiro a **festa daqueles que se dedicaram ao serviço de Deus e do povo nas várias formas de vida consagrada.**

Neste sentido, no domingo da festa da Apresentação do Senhor assinala-se em Portugal o último dia da Semana do Consagrado.

Sobre a festa da Apresentação do Senhor, escreveu o bispo S. Sofrónio (séc. VI-VII):

“Todos nós que celebramos e veneramos com tanta piedade o mistério do Encontro do Senhor, corramos para Ele com todo o fervor do nosso espírito. Ninguém deixe de participar neste Encontro, ninguém se recuse a levar a sua luz.

Levemos em nossas mãos o brilho das velas, para significar o esplendor divino daquele que se aproxima e ilumina todas as coisas, dissipando as trevas do mal com a sua luz eterna, e também para manifestar o esplendor da alma, com o qual devemos correr ao encontro de Cristo.

Assim como a Virgem Mãe de Deus levou ao colo a luz verdadeira e a comunicou àqueles que jaziam nas trevas, assim também nós, iluminados pelo seu fulgor e trazendo na mão uma luz que brilha diante de todos, devemos acorrer pressurosos ao encontro daquele que é a verdadeira luz.

Na verdade a luz veio ao mundo e, dispersando as trevas que o envolviam, encheu-o de esplendor; visitou-nos do alto o Sol nascente e derramou a sua luz sobre os que se encontravam nas trevas: este é o significado do mistério que hoje celebramos.

Caminhemos empunhando as lâmpadas, acorramos trazendo as luzes, não só para indicar que a luz refulge já em nós, mas também para anunciar o esplendor maior que dela nos há-de vir. Por isso, vamos todos juntos, corramos ao encontro de Deus.

Eis que veio a luz verdadeira, que ilumina todo o homem que vem a este mundo. Todos nós, portanto, irmãos, deixemo-nos iluminar, para que brilhe em nós esta luz verdadeira.

Nenhum fique excluído deste esplendor, nenhum persista em continuar imerso na noite, mas avancemos todos resplandecentes; iluminados por este fulgor, vamos todos juntos ao seu encontro e com o velho Simeão recebamos a luz clara e eterna; associemo-nos à sua alegria e cantemos com ele um hino de ação de graças ao Pai da luz, que enviou a luz verdadeira e, afastando todas as trevas, nos fez participantes do seu esplendor.

A salvação de Deus, com efeito, preparada diante de todos os povos, manifestou a glória que nos pertence a nós, que somos o novo Israel; e nós próprios, graças a Ele, vimos essa salvação e fomos absolvidos da antiga e tenebrosa culpa, tal como Simeão, depois de ver a Cristo, foi libertado dos laços da vida presente.

Também nós, abraçando pela fé a Cristo Jesus que vem de Belém, nos convertemos de pagãos em povo de Deus (Jesus é com efeito a Salvação de Deus Pai) e vemos com os nossos próprios olhos Deus feito carne; e porque vimos a presença de Deus e a recebemos, por assim dizer, nos braços do nosso espírito, nos chamamos novo Israel. Com esta festa celebramos cada ano de novo essa presença, que nunca esquecemos.”

CONFIAR EM JESUS
MISERICORDIOSO,
COMO MARIA:

“FAZEI O QUE
ELE VOS DISSER”



Amados irmãos e irmãs!

A XXIV Jornada Mundial do Doente dá-me ocasião para me sentir particularmente próximo de vós, queridas pessoas doentes, e de quantos cuidam de vós. (...)

A doença, sobretudo se grave, põe sempre em crise a existência humana e suscita interrogativos que nos atingem em profundidade. Por vezes, o primeiro momento pode ser de rebelião: Porque havia de acontecer precisamente a mim? Podemos sentir-nos desesperados, pensar que tudo está perdido, que já nada tem sentido...

Nestas situações, a fé em Deus se, por um lado, é posta à prova, por outro, revela toda a sua força positiva; e não porque faça desaparecer a doença, a tribulação ou os interrogativos que daí derivam, mas porque nos dá uma chave para podermos descobrir o sentido mais profundo daquilo que estamos a viver; uma chave que nos ajuda a ver como a doença pode ser o caminho para chegar a uma proximidade mais estreita com Jesus, que caminha ao nosso lado, carregando a Cruz. E esta chave é-nos entregue pela Mãe, Maria, perita deste caminho.

Nas bodas de Caná, Maria é a mulher solícita que se apercebe de um problema muito importante para os esposos: acabou o vinho, símbolo da alegria da festa. Maria dá-Se conta da dificuldade, de certa maneira assume-a e, com discrição, age sem demora. Não fica a olhar e, muito menos, se demora a fazer juízos, mas dirige-Se a Jesus e apresenta-Lhe o problema como é: “Não têm vinho” (Jo 2, 3). E quando Jesus Lhe faz notar que ainda não chegou o momento de revelar-Se (cf. v. 4), Maria diz aos serventes: “Fazei o que Ele vos disser” (cf. v. 5). Então Jesus realiza o milagre, transformando uma grande quantidade de água em vinho, um vinho que logo se revela o melhor de toda a festa. Que ensinamento podemos tirar, para a Jornada Mundial do Doente, do mistério das bodas de Caná?

O banquete das bodas de Caná é um ícone da Igreja: no centro, está Jesus misericordioso que realiza o sinal; em redor d’Ele, os discípulos, as primícias da nova comunidade; e, perto de Jesus e dos seus discípulos, está Maria, Mãe providente e orante. Maria participa na alegria do povo comum, e contribui para a aumentar; intercede junto de seu Filho a bem dos esposos e de todos os convidados. E Jesus não rejeitou o pedido de sua Mãe. Quanta esperança há neste acontecimento para todos nós! Temos uma Mãe de olhar vigilante e bom, como seu Filho; o coração materno e repleto de misericórdia, como Ele; as mãos que desejam ajudar, como as mãos de Jesus que dividiam o pão para quem tinha fome, que tocavam os doentes e os curavam. Isto enche-nos de confiança, fazendo-nos abrir à graça e à misericórdia de Cristo. A intercessão de Maria faz-nos experimentar a consolação, pela qual o apóstolo Paulo bendiz a Deus: “Bendito seja Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e o Deus de toda consolação! Ele nos consola em toda a nossa tribulação, para que também nós possamos consolar aqueles que estão em qualquer tribulação, mediante a consolação que nós mesmos recebemos de Deus. Na verdade, assim como abundam em nós os sofrimentos de Cristo, também, por meio de Cristo, é abundante a nossa consolação” (2 Cor 1, 3-5). Maria é a Mãe “consolada”, que consola os seus filhos.

Em Caná, manifestam-se os traços distintivos de Jesus e da sua missão: é Aquele que socorre quem está em dificuldade e passa necessidade. Com efeito, no seu ministério messiânico, curará a muitos de doenças, enfermidades e espíritos malignos, dará vista aos cegos, fará caminhar os coxos, restituirá saúde e dignidade aos leprosos, ressuscitará os mortos, e aos pobres anunciará a boa nova (cf. Lc 7, 21-22). E, durante o festim nupcial, o pedido de Maria – sugerido pelo Espírito Santo ao seu coração materno – fez revelar-se não só o poder messiânico de Jesus, mas também a sua misericórdia.

Na solicitude de Maria, reflecte-se a ternura de Deus. E a mesma ternura torna-se presente na vida de tantas pessoas que acompanham os doentes e sabem individuar as suas necessidades, mesmo as mais subtis, porque vêem com um olhar cheio de amor. Quantas vezes uma mãe à cabeceira do filho doente, ou um filho que cuida do seu progenitor idoso, ou um neto que acompanha o avô ou a avó, depõe a sua súplica nas mãos de Nossa Senhora! **Para nossos familiares doentes, pedimos, em primeiro lugar, a saúde; o próprio Jesus manifestou a presença do Reino de Deus precisamente através das curas.** “Ide contar a João o que vedes e ouvis: os cegos vêem e os coxos andam; os leprosos ficam limpos e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam” (Mt 11, 4-5). **Mas o amor, animado pela fé, leva-nos a pedir, para eles, algo maior do que a saúde física: pedimos uma paz, uma serenidade da vida que parte do coração e que é dom de Deus, fruto do Espírito Santo que o Pai nunca nega a quantos Lho pedem com confiança.**

No episódio de Caná, além de Jesus e sua Mãe, temos aqueles que são chamados “serventes” e que d’Ela recebem esta recomendação: “Fazei o que Ele vos disser” (Jo 2, 5). Naturalmente, o milagre dá-se por obra de Cristo; contudo Ele quer servir-Se da ajuda humana para realizar o prodígio. Poderia ter feito aparecer o vinho directamente nas vasilhas. Mas quer valer-Se da colaboração humana e pede aos serventes que as encham de água. Como é precioso e agradável aos olhos de Deus ser serventes dos outros! Mais do que qualquer outra coisa, é isto que nos faz semelhantes a Jesus, que “não veio para ser servido, mas para servir” (Mc 10, 45). **Aqueles personagens anónimos do Evangelho dão-nos uma grande lição. Não só obedecem, mas fazem-no generosamente: enchem as vasilhas até cima (cf. Jo 2, 7). Confiam na Mãe, fazendo, imediatamente e bem, o que lhes é pedido, sem lamentos nem cálculos.**

Nesta Jornada Mundial do Doente, podemos pedir a Jesus misericordioso, pela intercessão de Maria, Mãe d’Ele e nossa, que nos conceda a todos a mesma disponibilidade ao serviço dos necessitados e, concretamente, dos nossos irmãos e irmãs doentes. Por vezes, este serviço pode ser cansativo, pesado, mas tenhamos a certeza de que o Senhor não deixará de transformar o nosso esforço humano em algo de divino. Também nós podemos ser mãos, braços, corações que ajudam a Deus a realizar os seus prodígios, muitas vezes escondidos. Também nós, são ou doentes, podemos oferecer as nossas canseiras e sofrimentos como aquela água que encheu as vasilhas nas bodas de Caná e foi transformada no vinho melhor. **Tanto com a ajuda discreta de quem sofre, como suportando a doença, carrega-se aos ombros a cruz de cada dia e segue-se o Mestre (cf. Lc 9, 23); e, embora o encontro com o sofrimento seja sempre um mistério, Jesus ajuda-nos a desvendar o seu sentido.**

Se soubermos seguir a voz d’Aquela que recomenda, a nós também, “fazei o que Ele vos disser”, Jesus transformará sempre a água da nossa vida em vinho apreciado. (...)

A todos aqueles que estão ao serviço dos doentes e atribulados, desejo que vivam animados pelo espírito de Maria, Mãe da Misericórdia. “A doçura do seu olhar nos acompanhe (...), para podermos todos nós redescobrir a alegria da ternura de Deus” e levá-la impressa nos nossos corações e nos nossos gestos. Confiamos à intercessão da Virgem as ansias e tribulações, juntamente com as alegrias e consolações, dirigindo-Lhe a nossa oração para que Ela pouse sobre nós o seu olhar misericordioso, especialmente nos momentos de sofrimento, e nos torne dignos de contemplar, hoje e para sempre, o Rosto da misericórdia que é seu Filho Jesus.

Papa Francisco, Mensagem para a XXIV Jornada Mundial do Doente, Terra Santa, Nazaré, 11 de Fevereiro de 2016

NOSSA SENHORA DE LOURDES

LOURDES, FRANÇA (1858)

Festa: 11 de Fevereiro

“Eu sou a Imaculada Conceição”



Os acontecimentos que sucederam em Lourdes, entre o dia 11 de Fevereiro e o dia 16 de Julho de 1858, estão estreitamente relacionados com o dogma Mariano da Imaculada Conceição. No dia 8 de Dezembro de 1854, o Papa Pio IX definiu o novo dogma declarando: “A doutrina que sustem que a Santíssima Virgem Maria, mãe de Deus, foi concebida sem mancha de pecado original pertence a revelação divina, sendo parte do acervo de verdades que todo o fiel cristão é obrigado a acreditar.” É surpreendente que quatro anos depois Nossa Senhora aparecesse a uma humilde menina, numa aldeia remota dos Pirenéus franceses, para se manifestar como a Imaculada Conceição e iniciar uma série de milagres, principalmente curas de doentes. Foi como um presente de Nossa Senhora por ter sido reconhecida como concebida sem pecado original.

Em meados do séc. XIX, Lourdes tinha pouco mais de 4000 habitantes. Como ocorre em quase todas as aparições, Nossa Senhora apareceu à filha de um moleiro num lugar afastado e rural, como forma de manifestar a sua predilecção pelos mais humildes. Os corações de muitos habitantes de Lourdes estavam abertos à mensagem de Deus, pela dor e pelo sofrimento que tinham sofrido nos últimos anos, como consequência da fome provocada pela perda das colheitas antecipadas por Nossa Senhora em La Salette. Ajudados pela evidência dos milagres que rapidamente começaram a acontecer, todos os fiéis devotos das mensagens que tinha transmitido em Lourdes deram impulso a uma das devoções mais importantes da Cristandade.

A VIDENTE: BERNADETTE SOUBIROUS

Nasceu no dia 7 de Janeiro de 1844, no moinho alugado de Boly, próximo de Lourdes, onde a sua família vivia. Ainda que no seu baptismo lhe tenham dado o nome de Marie Bernard, desde pequena sempre foi tratada pelo diminutivo “Bernadette”. Era a mais velha de quatro filhos. Toda a família vivia no moinho, onde o pai trabalhava como moleiro. Bernadette sempre recordou os anos da sua infância, naquele que chamava “o moinho da felicidade”, como os seus anos mais felizes, ao ter descoberto o amor entre todos os membros da família.

Em 1854, um acidente de trabalho deixou o pai inválido, o que, juntamente com a ausência de colheitas de trigo durante dois anos e o aparecimento dos moinhos de vapor, provocou a ruína do pai.

Em Janeiro de 1857, a família Soubrouis foi desalojada e teve de se instalar no antigo calabouço que tinha sido abandonado pelas suas condições de insalubridade. Numa única habitação, vivia toda a família com uma cama emprestada para os pais, outra para os quatro filhos, um baú para as suas pobres posses e algumas cadeiras. Os pais trabalhavam em tudo o que eram capazes de encontrar. O pai foi acusado injustamente de ter roubado dois sacos de trigo e teve de passar oito dias na prisão. A sua situação era tão precária que um dia Bernadette e a irmã foram descobertas na paróquia a recolher a cera das oferendas para tentar comê-la. Ao aparecer uma epidemia de cólera, Bernadette adoeceu e foi a origem da saúde precária que a acompanhou toda a sua vida.

Depois de uma breve estada em Bartes, uma aldeia próxima de Lourdes, como criada da sua antiga ama de leite, Bernadette regressou a Lourdes no dia 28 de Janeiro de 1858. O seu objectivo era poder iniciar as aulas de catequese para cumprir o seu desejo de receber a primeira comunhão durante esse ano, motivo pelo qual rezava todos os dias devotamente o terço.

Naquela época, Bernadette sofria um duplo sentimento de exclusão social: por um lado, na aldeia, onde a apontavam como aquela que vivia num calabouço e como “a filha do ladrão”. Por outro lado, na paróquia, porque apesar de ter 14 anos e ir à Missa todos os domingos não podia comungar por não ter feito a primeira comunhão. Além disso, como não tinha podido ir à escola, era analfabeta e não sabia francês (só falava o dialecto pirenaico), que era a língua na qual se dava catequese.

A VIDA DE BERNADETTE SOUBIROUS DEPOIS DAS APARIÇÕES

Bernadette não mudou depois da sua grande missão e continuou a ser uma jovem simples, humilde e modesta que fugia de toda a popularidade. A sua saúde era muito delicada e muitos dias tinha de permanecer na cama.

No dia 4 de Julho de 1866, após despedir-se da gruta, deixou Lourdes para nunca mais voltar. Tinha 22 anos de idade e foi para o convento das irmãs em Nevers para se tornar uma simples irmã de véu branco porque se considerava ignorante, pobre e sem capacidade para levar dote.

A sua vida durante os 13 anos que viveu em Nevers foi um verdadeiro suplício. Nunca foi compreendida pelas suas companheiras, nem pela superiora ou pela mestra de noviças. Sofreu muitas doenças e numa delas professou *in articulo mortis*. Foi nomeada assistente da enfermaria, mas devido à sua fraca saúde teve de passar para assistente da sacristia.

Em 1877, Bernadette era uma inválida e permaneceu na enfermaria até à sua morte, sofrendo muitas doenças, como asma crónica, tuberculose, vômitos de sangue, gastrite, tumores nos ossos e até abscessos nos ouvidos que lhe provocaram a surdez. Durante aquele tempo,

nas suas orações nunca pedia consolação, mas fortaleza e paciência. No dia 16 de Abril de 1879, morreu enquanto rezava o terço acompanhada por toda a comunidade.

Foi sepultada no seu convento de Nevers. Em 1909, durante o processo diocesano de reconhecimento das virtudes, o seu corpo foi analisado e estava em perfeito estado de conservação, embora o crucifixo e o terço tenham oxidado entre as suas mãos. O processo de beatificação atrasou-se devido à Primeira Guerra Mundial, mas finalmente foi beatificada no dia 6 de Junho de 1925, pelo Papa Pio XI. Esse mesmo Papa canonizou-a no dia 8 de Dezembro de 1933, coincidindo com a solenidade da Imaculada Conceição. A sua memória celebra-se no dia 16 de Abril, dia da sua morte.

A MENSAGEM DE LOURDES

A mensagem que Nossa Senhora *in articulo mortis* transmitiu a Bernadette durante as suas aparições em Lourdes foi:

- *Um agradecimento do Céu pela declaração do dogma da Imaculada Conceição, declarado quatro anos antes das aparições.*
- *Um elogio das virtudes da pobreza e humildade aceites cristãmente, ao escolher Bernadette como instrumento da sua mensagem.*
- *Uma exaltação da oração, da oração do terço e da penitência, unido a uma mensagem de misericórdia infinita para os pecadores com o símbolo da água.*
- *Uma aceitação da doença e da consolação que proporcionará também a água que jorra da fonte.*
- *Uma união íntima com a cruz. Nossa Senhora disse a Bernadette que o importante era ser feliz na outra vida e para isso tinha de se aceitar a cruz neste mundo.*

APROVAÇÃO DAS APARIÇÕES PELA IGREJA

Uma vez terminadas as aparições, o Bispo de Tarbes, instituiu uma comissão eclesial para as analisar pormenorizadamente, que finalizou os seus trabalhos com a última declaração de Bernadette, no dia 1 de Dezembro de 1860.

No dia 18 de Janeiro de 1862, o Bispo de Tarbes publicou uma carta pastoral na qual declarou as 18 aparições como verdadeiras. Nesse mesmo ano, o Papa Pio IX autorizou o Bispo de Tarbes a permitir a veneração da Virgem Maria em Lourdes.

Em 1892, o Papa Leão XIII aprovou o Ofício Divino e Missa próprios da Bem-aventurada Virgem Maria de Lourdes para a Igreja em França, como festa incluída no calendário litúrgico no dia 11 de Fevereiro, dia da primeira aparição. Posteriormente, o Papa São Pio X estendeu a celebração da memória a toda a Igreja. Em 1992, o Papa São João Paulo II instituiu a celebração do Dia Mundial do Doente, coincidindo com a memória litúrgica de Nossa Senhora de Lourdes.

In "As Aparições da Virgem Maria – Doutrina e História", José Manuel Díez Quintanilla



FORTALEZAS PARA DEUS

Irmãs Contemplativas: Qual é o sentido da existência de religiosas de clausura? Não é apenas uma fuga do mundo? *“Claro que não!”*, respondem as Clarissas da Adoração Perpétua de Pniewy, na Polónia. ***“É certo que estamos fisicamente afastadas do mundo mas, através da oração, estamos muito perto de cada pessoa em cada preocupação e necessidade. Compreendemos todos os interesses, problemas e alegrias dos nossos irmãos e irmãs no mundo. As grades do convento são uma separação do mundo simbólica e material mas, simultaneamente, são uma forma de pertença a Deus e um símbolo de devoção sem limites. A separação física do mundo, neste caso, significa colocar Deus em primeiro lugar, antes da vida no mundo, e não separar-se do mundo.”***

Uma vida consagrada a Deus implica uma forma especial de comunhão de amor com Deus e é caracterizada e preenchida com a oração e o trabalho. Para as religiosas de clausura, o dia começa e termina sempre com a oração. A Adoração do Santíssimo Sacramento é a base de todos os outros trabalhos e deveres, e é permanente. Quando as luzes se apagam nos quartos das irmãs, a lamparina do sacrário continua a brilhar na capela. Esta luz vermelha é o sinal de que Jesus está presente no sacrário, dia e noite, e assim a adoração também continua durante a noite. As religiosas fazem-no por turnos, ajoelhando-se em oração silenciosa perante o Senhor, agradecendo e apresentando-Lhe as necessidades de toda a Igreja e do mundo.

Para as irmãs, a ajuda dada pela Fundação AIS é inestimável e a sua alegria e gratidão são enormes. Elas vêem-na como um sinal da Providência Divina. Até aos dias de hoje, as irmãs de clausura continuam a recordar-se do Pe. Werenfried, que foi o primeiro a começar a ajudar os mosteiros de clausura, pois compreendeu o papel importante que estas irmãs desempenham para toda a Igreja. Em 1957, angariou uma grande soma de dinheiro para as comunidades contemplativas e ele próprio explicou a sua importância, ***“Estas são as poderosas casas de oração escondidas das missões e da Igreja.”*** As religiosas contemplativas guardam os benfeitores e os colaboradores da Fundação AIS no coração. Graças à sua generosidade, as irmãs podem pagar as contas que se acumulam. Sem estes donativos algumas vezes não teriam nada para comer. **A sua oração sustenta o trabalho da Igreja e o seu amor é um exemplo para todos nós.**

